



Emilia Nadal
Metamorfoses (da série Metamorfoses do Tempo)
Desenho a tinta sobre tela preparada
30 x 30 cm

Notas&Comentários

O REGRESSO DOS DEUSES

Chegou finalmente uma edição há muito esperada, reunindo num só volume os textos atribuídos ou atribuíveis a António Mora e encontrando soluções para problemas deixados por edições anteriores. Este *corpus*, na sua totalidade inédito em vida de Pessoa, tinha sido contemplado nomeadamente nas edições de Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (Ática, 1966) e *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (Ática, 1967), posteriormente em *Pessoa por Conhecer* (ed. Teresa Rita Lopes, Estampa, 1990), *Poemas Completos de Alberto Caeiro* (ed. Teresa Sobral Cunha, Presença, 1994) e, sobretudo, *Obras de António Mora* (ed. Luís Filipe Teixeira, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002). Para além de algumas publicações dispersas, foi nos últimos anos a edição de Luís Filipe Teixeira a apresentar-se como volume de referência das obras de Mora. O mesmo volume não chegou, no entanto, a um público vasto, e contém alguns lapsos de transcrição e atribuição de cotas, assim como na junção de textos distintos como pertencentes a um mesmo núcleo ou, pelo contrário, na sua desnecessária separação. Dir-se-ia que estes problemas podem ser atribuídos ao facto de se tratar de uma primeira edição de referência destas obras, sendo particularmente evidente no caso de Pessoa a necessidade de um melhoramento gradual na decifração e atribuição dos textos, nunca definitivamente fixados e posicionados. Para além de introduzir melhorias significativas relativamente a estes dois aspectos, a importância da edição de Manuela Parreira da Silva reside, no entanto, no seu tratamento adequado de uma dimensão que os transcende, a da idealidade da obra. Ao tratamento desta dimensão não é alheia a análise filológica dos textos, que nunca pode ser apenas filológica. Um entendimento amplo da obra, aliado a conhecimentos factuais sobre a mesma, constitui a condição de possibilidade de uma

análise filológica rigorosa, que relaciona necessariamente elementos filológicos e hermenêuticos.

A disposição dos textos na edição depende desde logo de considerações sobre a obra de Mora, ou a obra de nome Mora, contidas na «Introdução» da editora do volume. Esta começa por referir que «entre os múltiplos autores fictícios pessoais» Mora seria «aquele que mais se terá aproximado do estatuto de heterónimo» (p. 9), baseando a afirmação no facto de este integrar uma narrativa que o define como *discípulo* ou *continuador filosófico* de Caeiro, nomeadamente em *Aspectos e Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*. Note-se que destes textos apenas o último conheceu uma publicação parcial em vida, tendo sido impresso em 1931 um trecho que menciona Mora entre os seguidores do Paganismo de Alberto Caeiro. A referência, em carta a João Gaspar Simões contemporânea da elaboração de algumas destas *Notas*, à possibilidade de «surgir mais um ou outro heterónimo, para além dos três já consagrados» (p. 11), vem fundamentar a ideia de que Pessoa procurou englobar mais figuras que as de Caeiro, Reis e Campos num núcleo central de referências. É neste sentido, o de uma proximidade entre a relevância narrativa de Mora e do trio Caeiro-Reis-Campos, que Parreira da Silva o entende como pertencente a um mesmo conjunto (o mesmo acontece, aliás, com a figura de nome Pessoa). A existência de Mora enquanto personagem pode ser aliás distinguida de outra enquanto autor, devendo ser mesmo, como lembra, anterior à definição do seu papel de autor (cf. p. 12), numa duplicidade que persiste e é comum a diversas figuras pessoais.

Mais surpreendente é a constatação de que, apesar dos referidos argumentos, «António Mora acabará por não se afirmar como heterónimo» (p. 13). É evidente que a não publicação em vida da sua obra desde logo impossibilita a sua inclusão na *Tábua Bibliográfica*, texto publicado em 1928 no qual Pessoa introduz pela primeira vez o conceito de heterónimo, enquanto adjectivo que distingue parte da obra publicada até então. A dimensão bibliográfica e editorial do conceito torna impossível o *aparecimento* de Mora, visto que tal só poderia acontecer em paralelo com uma publicação (procuro discutir as implicações desta introdução tardia do conceito de heterónimo em *Os Livros de Fernando Pessoa*, Ática, 2013). Mas a validade retrospectiva da ideia de que Mora «acabará por não se afirmar como heterónimo» depende naturalmente do que se entende por heterónimo. Pode-se entendê-lo como abrangendo os três nomes de autor aos quais Pessoa atribui na *Tábua* a sua obra *heterónima* (Caeiro, Reis e Campos), como referindo todos os nomes de figuras, exceptuando o nome *Pessoa*, com que são assinadas obras, ou tendo em vista nomes que designam tanto autores como personagens com espessura ficcional. Esta última proposta está

em linha com a atribuição que é feita a Caeiro, Reis e Campos de uma biografia própria e de traços tanto físicos como psicológicos e permite distinguir autores ficcionais, cuja espessura enquanto personagens é clara, de meras atribuições editoriais de obras ou de projectos de obra. Deste modo, a questão da heteronímia, ou da ficcionalidade da autoria, poderá ser tratada como ideia fundamental da poética pessoal, que existiria, como defendem Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, em *Teoria da Heteronímia* (Assírio & Alvim, 2012), antes mesmo dos termos que a definem, podendo analisar-se a história das suas modulações, antes e depois da introdução do conceito de heterónimo.

A figura de Mora, autor de diversos escritos sobre Filosofia, Sociologia e Religião de inegável interesse, e personagem de uma narrativa, incluído por Pessoa no conjunto de figuras a que dá particular relevo, parece pois assemelhar-se às de Caeiro, Reis, Campos e Pessoa. Do ponto de vista de Manuela Parreira da Silva, no entanto, Mora «não adquire um estilo que remeta para uma ‘pessoa’, como diria também José Gil; verdadeiramente, não chega a ‘voar outro’» (p. 13). Este ponto de vista tem por base um argumento hermenêutico, o de que Mora, autor fictício (ou ficcional, na medida em que integra a ficção), não possui «um estilo inegavelmente distinto do seu criador, ou sequer do seu companheiro, Ricardo Reis» (*ibid.*), argumento este por sua vez comprovado por elementos materiais dos seus escritos que, embora não exclusivos destes, têm neles particular incidência. Trata-se nomeadamente da dúvida que Pessoa assinala na sua atribuição de projectos ou textos — *Mora ou Reis?, Reis ou Mora?* — mantendo por vezes as duas possibilidades ou optando apenas por uma delas, o mesmo se passando também, embora de um modo menos frequente, quanto a uma atribuição ao nome *Pessoa*. Existindo uma partilha de textos e projectos com Reis e também com Pessoa, a editora não encontra em Mora uma unidade de estilo e de figura suficientemente robusta, ainda que o considere o nome adequado para designar a «dimensão teórica, filosófica» do Neo-Paganismo (p. 14).

É precisamente neste entendimento dos projectos de escrita associados ao nome de Mora, e no modo como esse entendimento é espelhado na organização da edição, que reside a força deste trabalho. A edição destaca, desde logo no título, *O Regresso dos Deuses*, estudo crítico do Cristianismo e apologético do fenómeno religioso pagão cuja autoria é dividida, em planos e projectos editoriais, entre Mora e Reis. O seu «Apêndice» inclui uma selecção dos principais planos e projectos editoriais referentes a Mora e articula esta informação com a disposição dos vários textos no volume e a discussão da sua importância no conjunto da obra. Embora a descrição das características destes planos e projectos pudesse ser mais aprofundada, tendo em vista também

uma possível cronologia, a opção recai neste caso sobre uma análise cautelosa, que prescindiu de hipóteses sobre datação que pudessem ser demasiado conjecturais. Tal opção evita um certo excesso de apego aos elementos materiais de outras edições, encontrando uma posição ponderada que recolhe nestes documentos informações fiáveis para a construção do livro. Estando Pessoa constantemente a alterar os seus propósitos editoriais, no sentido de uma disposição e atribuição dos seus textos com vista não só a uma possível publicação mas principalmente a uma arrumação fundacional da obra, não é possível elevar um plano pontual ao estatuto de fixação definitiva. É por isso que qualquer arrumação dos textos de Mora é apenas uma de entre várias possíveis, o que, por seu lado, não legitima a arbitrariedade. As considerações ponderadas da editora em relação a cada um dos títulos de que se compõe o livro são a este respeito absolutamente determinantes.

Assim, *O Regresso dos Deuses* ascende, como no caso de uma anterior edição alemã das obras de Mora (*Die Rückkehr der Götter: Erinnerungen an den Meister Caeiro*, ed. Steffen Dix, Ammann Verlag, 2006), ao estatuto de «peça fundamental do cânone moriano» (p. 18). Este estatuto não é evidente e muito menos estável, já que, como nota a editora, «o âmbito desta obra é [...] variável, consoante os projectos que vão sendo delineados por Pessoa» (*ibid.*). O título surge ora como «título geral, englobando diversas obras», entre elas os poemas de Reis, Campos e Caeiro, ora enquanto «obra compósita, incluindo os vários aspectos de uma repaganização literária», dois projectos em que «não se prevê qualquer interferência de Mora» (p. 19). Mas o mesmo surge também atribuído a Mora, no sentido de uma «Introdução Geral ao Neo-Paganismo Português» ou de uma «Introdução à Obra de Alberto Caeiro», ainda que em ambos os casos persista uma hesitação quanto à autoria, aparecendo os nomes de Reis e Pessoa como concorrentes a assumir a mesma posição (cf. *ibid.*). No entanto, «a maioria dos testemunhos» (*ibid.*) associa-o ao nome de Mora, importando destacar a falta de dúvida quanto à posição de Mora no sistema da obra, de que a narrativa é testemunho paralelo ao planeamento editorial, enquanto o teórico ou filósofo do Neo-Paganismo. Por estes motivos, *O Regresso dos Deuses* deve ser visto como a obra fundamental, verificando-se o oposto relativamente ao projectado *Prefácio à Obra de Alberto Caeiro*, em que a preferência em termos de autoria recai, de acordo com o mesmo tipo de testemunhos, sobre Reis. Neste caso, a edição opta, e bem, por incluir apenas uma parte dos testemunhos deste *Prefácio*, explicitamente atribuídos a Mora ou cujo conteúdo não deixa dúvidas quanto à sua atribuição. No que diz respeito à questão da participação da Alemanha na Grande Guerra, cujos textos são aqui reunidos sob o título *Dissertação a favor da Alemanha*, nela estão envolvidos os nomes de Pessoa e de Mora,

por vezes marcando posições distintas, mas globalmente favoráveis às pretensões alemãs (cf. 18). Esta diversidade de posições e o seu carácter dialogante não impedem a sua subsunção a um título unificador.

A articulação destes elementos com uma ideia da obra de Mora enquanto conjunto é bem ponderada, resistindo a uma dupla tentação de seguir apenas as indicações editoriais de Pessoa ou, pelo contrário, de as ignorar em nome de uma concepção previamente definida. Na primeira tentação caíra, em parte, a referida edição de Luís Filipe Teixeira. Embora procure fazer uma análise detalhada dos diversos projectos, este anterior trabalho pecara por ver neles a realidade exclusiva da obra, não tomando devidamente em consideração a sua importância pontual, o contexto temporal em que estão inseridos e a sua relação com uma ideia de conjunto que os transcende, ainda que dela sejam testemunho. O excessivo zelo perante as informações dos planos e projectos conduz, nomeadamente, à inclusão no corpo do livro de títulos de projectos a que não correspondem quaisquer textos ou à estruturação da edição através de uma junção de títulos limitados tanto em termos temporais como de conteúdo, como acontece no caso dos projectos de publicação de «obras atlânticas» (BNP/E3 48B-33r) e de «cadernos de reconstrução pagã» (BNP/E3 48G-33r). Ideias pontuais e distintas em termos temporais e de conteúdo vêem-se desse modo hipostasiadas.

Como assinala Manuela Parreira da Silva, o *corpus* atribuível a Mora é vasto, sendo mesmo «a figura fictícia pessoana que maior número de obras protagoniza» e não se podendo «excluir a possibilidade de virem a ser identificados mais alguns fragmentos da sua 'autoria'» (p. 21). A título de exemplo, a editora cita, desde logo, um pequeno fragmento em francês, sobre a relação entre indivíduo e povo, que lhe é explicitamente atribuído (cf. *ibid.*). Poderíamos questionar a razão de não terem sido considerados para inclusão na edição alguns textos que, embora não explicitamente atribuídos a António Mora, não só abordam as mesmas temáticas como o fazem de modo semelhante a outros que pertencem explicitamente ao *corpus*. Encontram-se nesta situação — como notaram Jorge Uribe e Fabrizio Boscaglia, a quem agradeço — alguns textos que relacionam o Sensacionismo, o Neo-Paganismo e o Arabismo, reflectindo sobre os elementos da cultura árabe relevantes para a formação dos *ismos* pessoanos, publicados em *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. Jerónimo Pizarro, 2009, p. 222-7. A mesma edição refere ainda, para além de esboços de dimensão semelhante ao referido fragmento em francês, três outros textos que poderiam ser considerados para inclusão numa edição dedicada a Mora (cf. *ibid.*, p. 222). No entanto, ainda que haja bons argumentos para atribuir estes textos a Mora, certo é que Pessoa não o fez e há por isso margem para conjecturas e para uma sempre necessária decisão

interpretativa e editorial. A edição de Parreira da Silva procura não ser demasiado inclusiva, colocando o acento não na exaustividade ou na publicação de inéditos, mas numa redefinição do *corpus* de Mora a partir de intuições fundamentais e de um entendimento amplo da importância desta figura. O facto de dois dos nove textos indicados como inéditos já terem sido publicados anteriormente — o texto 14 em *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, p. 230, e o apontamento 12¹-74 em *Sebastianismo e Quinto Império*, ed. Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, 2011, p. 105 — vem apenas reforçar a ideia de que não é aqui que se encontra a importância deste trabalho.

A editora reconhece a necessidade de reconstituir, ao reorganizá-los, fragmentos de obras idealizadas e parcialmente concretizadas pelo autor, aceitando simultaneamente que a implicação desta necessidade é «ficar, muitas vezes, no domínio das conjecturas» (p. 23). Esta necessidade não constitui, no entanto, pretexto para que a reunião de textos exceda o domínio de uma relativa certeza quanto ao seu posicionamento. O seu método passou «em primeiro lugar, por considerar os testemunhos com indicação da obra a que se destinariam», seguindo à «atribuição expressa» do autor (p. 24), e considerando, apenas num segundo passo, testemunhos em que tal não acontece. Dando conta de que «mais problemática é a decisão quanto à seriação dos textos dentro de cada conjunto», procura ser fiel a uma dupla necessidade, a de «encontrar uma sequência lógica para a apresentação dos textos» e «assumir a fatal incompletude das obras», «dando a ler» «textos não definitivos de obras não definitivas» (*ibid.*). O facto de se tratarem de «escritos interrompidos» (*ibid.*) não permite prescindir de uma projecção destes num livro de contornos definidos, porque é desse modo que a obra foi entendida pelo seu criador. Seguindo uma das últimas intenções do mesmo criador, o nome *Fernando Pessoa* ocupa a posição de autor na capa do livro, surgindo o de Mora no título. O modo como a escrita de Pessoa é considerada, sendo a ortografia actualizada, mas mantendo a omissão de letras que vise «criar, propositadamente, um efeito arcaizante ou classizante do estilo de António Mora» (p. 30), vai ao encontro do apurado detalhe com que são tratados os restantes elementos materiais dos escritos. Neste âmbito, a inclusão de um índice topográfico no final do livro constitui uma importante novidade da colecção.

A edição mostra a importância de Mora no sistema da obra, desde provavelmente 1914 até aos anos 30, ainda que, como nota a editora, os textos devam ter sido elaborados «maioritariamente, entre 1914-1918» (p. 27). Esta importância, talvez obscurecida pelo facto de Mora não ter chegado a ser incluído por Pessoa no conjunto da obra heterónima, é justificada por uma «presença constante» em inúmeros

textos. Esta presença vê-se concretizada não só na «prolixidade da escrita por si assinada», como também em textos assinados por outros e na «coerência dos diversos títulos projectados» (*ibid.*), devidamente transformada na unidade possível de um livro que constitui um acontecimento editorial de grande relevo. Podemos finalmente ler as obras de Mora, filósofo que persegue o ideal pagão e denuncia a decadência civilizacional do Ocidente, no suporte que Pessoa tinha em mente quando, no prefácio aos seus livros de outros intitulado *Aspectos*, se refere a Mora como *continuador filosófico* de Alberto Caeiro, que «tem um ou dois livros a escrever, onde provará completamente a verdade metafísica e prática, do paganismo» (p. 10).

Pedro Sepúlveda

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

- * Fernando Pessoa, *O Regresso dos Deuses e Outros Escritos de António Mora*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2013.

PESSOA E KIERKEGAARD

O complexo jogo de proximidade e distância entre Søren Kierkegaard e Fernando Pessoa parece ser cada vez mais atractivo para comentadores oriundos da crítica literária ou da filosofia, dentro de portas e talvez sobretudo fora delas, onde o labor do filósofo dinamarquês é muito mais aprofundadamente apreciado do que sucede de um modo geral entre nós e onde as muitas traduções de textos do poeta dos heterónimos o têm tornado cada vez mais objecto da atenção que a sua universalidade merece¹. Em todo o caso, o impulso inicial dessa atracção deve-se, como é sabido, a Eduardo Lourenço que, em dois textos seminais — «Kierkegaard e Pessoa ou A Comunicação Indirecta», redigido em meados dos anos 50, e «Kierkegaard e Pessoa ou As Máscaras do Absoluto», conferência lida na Universidade de Harvard em Junho de 1981 —, integrados posteriormente, em 1986, no volume *Fernando, Rei da Nossa Baviera*, fez convergir o seu longo interesse pelo pensamento de Kierkegaard com a sua continuada e intensiva meditação sobre a obra de Pessoa. Sobretudo no último dos dois textos mencionados, Eduardo Lourenço traça com liminar rigor a distinção entre, por um lado, a pluralidade da pseudonímia kierkegaardiana («escritas diferentes incarnando diferentes visões do mundo»²) e, por outro lado, uma pluralidade bem diferente, a dos heterónimos pessoanos, que é a de «uma constelação orientada desde um centro ([...] constituído de mera ausência)»³. E fá-lo antecipando, na conjugação disjuntiva dos